

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE GOIÁS Uni-ANHANGUERA
CURSO DE PEDAGOGIA**

**OS DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM
COM EDUCANDOS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL**

LAIZA GOMES DOS SANTOS

GOIÂNIA
Novembro/2018

LAIZA GOMES DOS SANTOS

**OS DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM
COM EDUCANDOS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA, sob orientação da Professora Especialista Zilma Rodrigues Neto, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

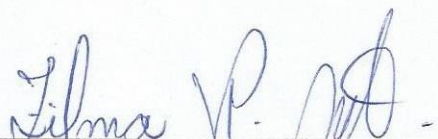
GOIÂNIA
Novembro/2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

LAIZA GOMES DOS SANTOS

OS DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM COM EDUCANDOS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como requisito parcial para obtenção da Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário de Goiás – Uni-Anhanguera, defendido e aprovado em 22 de novembro de 2018 pela banca examinadora constituída por:



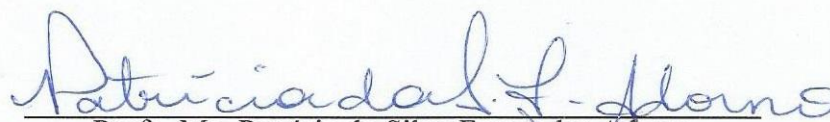
Prof. Esp. Zilma Rodrigues Neto

Orientadora



Prof. Ma. Marcia Inês Silva

Membro



Prof. Ma. Patrícia da Silva Fernandes Adorno

Membro

OS DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM COM EDUCANDOS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL

THE CHALLENGES IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS WITH STUDENTS WHO ARE VICTIMS OF SEXUAL ABUSE

Laiza Gomes dos Santos¹

Zilma Rodrigues Neto²

RESUMO: O artigo propõe uma reflexão sobre os desafios que uma vítima de abuso sexual enfrenta no processo educacional, ou seja, as dificuldades que são encontradas ao longo do caminho na aquisição da aprendizagem, que faz com que o educando tenha prejuízos no seu desenvolvimento cognitivo, psicológico e na vida social. Para entender melhor esses desafios, a pesquisa aponta a importância do olhar, da escuta e do atendimento personalizado do professor com o educando, a fim de contribuir para a construção social do sujeito. O assunto desta pesquisa será uma contextualização de teóricos que reafirmam o tema, com a participação de um relato de experiência, que fará uma complementação do assunto abordado. A vivência vai trazer a realidade do abuso sexual, mostrando como o abuso pode acontecer no ambiente familiar, sem se quer ser notado pela família ou pela escola. Como resultado dessa pesquisa com base na experiência de abuso sexual, é possível concluir que a criança reflete por meio do seu comportamento a realidade que está vivendo. Assim, o olhar e a atitude do outro torna-se a única possibilidade de contribuir para transformar a situação e garantir os direitos que ampara a criança e ao adolescente em uma situação de vulnerabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Dificuldade. Experiência. Conhecimento. Sujeito. Educação.

ABSTRACT: The article proposes a reflection on the challenges that a victim of sexual abuse faces in the educational process, that is, the difficulties that are encountered along the way in the acquisition of learning, which causes the learner to suffer losses in their cognitive, psychological development and social life. To better understand these challenges, the research points out the importance of looking, listening and personalized attention of the teacher with the student, in order to contribute to the social construction of the subject. The subject of this research will be a contextualization of theoreticians who reaffirm the theme, with the participation of an experience report, which will complement the subject addressed. The experience will bring the reality of sexual abuse, showing how abuse can happen in the family environment, without being noticed by the family or the school. As a result of this research based on the experience of sexual abuse, it is possible to conclude that the child reflects through his behavior the reality that he is living. Thus, the look and attitude of the other becomes the only possibility of contributing to transform the situation and guarantee the rights that protects the child and the adolescent in a situation of vulnerability.

KEYWORDS: Difficulty. Experience. Knowledge. Subject. Education.

1 Introdução

A presente pesquisa aborda o tema “Os desafios no processo de ensino e de aprendizagem com educandos vítimas de abuso sexual”, que é considerado uma situação que

¹ Graduanda em Pedagogia no Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8240931975940041>. E-mail: laizgayn@bol.com.br

² Professora Especialista do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5506996238167575>. E-mail: zilmahoje@gmail.com

influencia no processo de aquisição da aprendizagem, afeta o desenvolvimento cognitivo e psicológico, no qual prejudica a vida social do sujeito.

A escola recebe diariamente vítimas de abuso sexual, porém muitas vezes não percebe e nem toma providências para contribuir com esses sujeitos que já sofreram no silêncio, e coberto de um sentimento de culpa encontram-se em busca de ajuda. Mas afinal, quais são os desafios que professores e educandos enfrentam no contexto escolar?

Este artigo é o resultado de uma reflexão sobre a minha história de vida, com relatos da experiência de sofrer abuso sexual desde a infância até a pré-adolescência, com consequências irreparáveis em todos os períodos educacional. Como afirma Bondía (2002, p. 21), “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.”. Com base nessa experiência, serão notórios os acontecimentos e as marcas que se passaram e ficaram no decorrer dos anos.

Esta análise sobre a experiência vivida será fundamentada com uma pesquisa bibliográfica, onde será conceituado o que realmente significa o termo abuso sexual e quais os direitos garantidos por lei que ampara essa vítima. Também será evidenciado as dificuldades de aprendizagem que o educando enfrenta e a importância do acompanhamento pedagógico contínuo e personalizado.

Conhecendo os desafios que tive que enfrentar em todo o processo de aprendizagem e no convívio social, compreendo que o assunto ajudará outras pessoas e educadores a identificarem por meio da escuta pedagógica, para contribuir com vítimas em situações de abuso no processo de superação do trauma vivido. Para compreender o termo escuta, alguns autores explicam Ceccim; Cristofóli; Kulpa; Modesto (1997, p. 77): “Podemos dizer, então, que há uma escuta pedagógica necessária quando se fala de atenção integral, abrindo mão da exclusividade interpretativa do modo anatomoclínico tradicional e valorizando a singularidade das expressões da vida em cada criança.”.

Como relevância ao problema apresentado em relação ao tema, o educador possui duas opções, transformar uma situação de dor em esperança ou negligenciar o educando. Quando o professor compreende que o olhar, a escuta e atendimento pedagógico personalizado com o educando é indispensável, se torna o diferencial no processo de ensino e de aprendizagem.

Com isso, o objetivo deste estudo é analisar os desafios que a vítima de abuso sexual enfrenta no seu processo educacional e propor estratégias para que educadores estejam mais capacitados para contribuir de maneira significativa com os educandos.

2 Materiais e Métodos

Este estudo foi realizado por meio da pesquisa bibliográfica, composta por teorias que justificam o tema abordado. Segundo Gil (2002 pg. 44), pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”.

Por meio da pesquisa, foi esclarecido o que vem a ser abuso sexual, quais as leis que amparam a criança diante de uma situação de abuso, as consequências na aprendizagem e a forma como o professor observa e reage diante do comportamento do educando.

Esta pesquisa também contou com uma contribuição de um relato de experiência de abuso sexual, para enfatizar ainda mais a realidade da situação.

As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém-pesquisadores em suas comunidades.
(CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 27).

Com base no contar da experiência, é possível contribuir para a superação de si mesmo e dos outros, de forma que sejam construídas novas histórias por meio de experiências. Essa troca de experiência por sua vez, serve de encorajamento significativo em situações semelhantes.

O conjunto de pesquisa bibliográfica e relato de experiência são complementares, com análise de acontecimentos em uma cidade do interior de Goiás.

3 O que é abuso sexual?

A sociedade em que vivemos mostra uma triste realidade em relação às nossas crianças e adolescentes, onde muitas delas já vivenciaram ou está sendo vítima de abuso sexual. Esses acontecimentos ocorrem em diversos ambientes e por pessoas que apresentam ser incapaz de tamanha crueldade.

Para esclarecer o assunto, segundo Volnovich (2005) é preciso entender que existe uma diferença entre abuso e violência sexual, onde a violência é caracterizada com o uso de força física (estupro, sevícias) ou psicológico (ameaças ou abuso de poder). Enquanto o abuso está relacionado a sedução da vítima.

O manual para educadores “Refazendo laços de proteção: ações de prevenção ao abuso e à exploração sexual comercial de crianças e adolescentes”, escrito por Sayão, mostra que existem variadas formas de abuso sexual:

Intrafamiliar: se existe um laço familiar ou uma relação de responsabilidade entre abusador e abusado. A situação mais conhecida que se encaixa nesta categoria é o incesto.

Extrafamiliar: se o abusador não possui laços familiares ou de responsabilidade com o abusado. Embora o abusador possa ser um desconhecido, na maioria das vezes ele é alguém que a criança ou o adolescente conhece e em quem confia.

Institucional: diz-se do abuso sexual que ocorre em instituições governamentais e não-governamentais que são responsáveis por prover, para crianças e adolescentes, cuidados substitutivos aos da família (abrigo). Podem ser também instituições encarregadas da aplicação de medidas privativas de liberdade. (2006, p. 29-30).

Conhecendo as formas de abuso sexual, pode-se considerar o intrafamiliar como o mais comum, que abrange 80% dos casos denunciados. Em 2009, a revista *veja* enfatizou o assunto mostrando a realidade que as crianças sofrem no meio familiar, o qual deveria ser um ambiente de proteção, cuidado e carinho, tem se transformado em lugar de dor e sofrimento. As crianças têm sido vítimas de abuso sexual por adultos que são considerados responsáveis por elas, mas estão cometendo atos de complexa crueldade.

Fica evidente que o papel da família sofre distorção, o que ocorre é o abuso de autoridade submetendo a criança, que se sente coagida e muitas vezes não entende o que está acontecendo.

A família, como lugar de proteção e cuidados, é, em muitos casos, um mito. Muitas crianças e adolescentes sofrem ali suas primeiras experiências de violência: a negligência, os maus-tratos, a violência psicológica, a agressão física, o abuso sexual. As pesquisas demonstram que, no interior da família, a principal vítima da violência física é o menino e, do abuso sexual, a menina. O pai biológico constitui-se no principal agressor. (BOCK, 1999, p. 254).

Ao interpretar a citação é relevante entender que a menina sofre mais abusos sexuais, que é comprovada a organização da sociedade machista que coage e manipula a mulher desde a infância e o menino é vítima de violência física, essas atitudes maculam a integridade física, psicológica, emocional e espiritual das crianças.

4 Leis, proteção e direitos

A Lei Federal Nº 9.970, de 17 de maio de 2000, no seu Art. 1º: “É instituído o dia 18 de maio como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.” (BRASIL, 2000). Essa Lei entra em vigor em função da quantidade de casos de denúncias de abuso sexual que ocorreram no ano de 2017, enfatizando a prevenção dos acontecimentos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) surgiu com o objetivo de garantir os direitos e a proteção da criança e do adolescente, ele foi instituído pela Lei Nº 8.069 do dia 13 de julho de 1990. Ele dispõe do Art. 5º: “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.”. (BRASIL, 1990).

Essa Lei ampara situações de abuso e violência sexual, sendo que, em qualquer tipo de suspeita, deve ser comunicado ao Conselho Tutelar, como diz no Art. 13 (BRASIL, 1990):

Os casos de suspeita ou confirmação de castigo físico, de tratamento cruel ou degradante e de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais.

As vítimas quando observadas, após o agressor ser denunciado, recebem todo respaldo necessário para sua recuperação. Mesmo assim, ainda é um desafio para a sociedade e os órgãos públicos no combate ao abuso sexual. Para a ministra Maria do Rosário (2012), da Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República (DDH/PR), “É preciso produzir uma relação efetiva entre o Disque Direitos Humanos – Disque 100 – e os Conselhos Tutelares, com monitoramento constante das políticas em prol das crianças e adolescentes.”.

No estudo da Declaração dos Direitos da Criança composto de dez princípios, nota-se que em decorrência da imaturidade da criança, é preciso protegê-la legalmente e oferecer os cuidados necessários ao desenvolvimento integral.

Pressupõe que as leis garantem os direitos e a proteção a todas às crianças, mas a diferença está em como são praticadas, é necessário que ocorra a diminuição dos casos de abuso sexual, se observa na realidade ainda o elevado índices da ocorrência desses crimes. O que denota o nível de consciência rudimentar dos pais e responsáveis pelas crianças e adolescentes.

5 Dificuldades que a vítima de abuso sexual enfrenta no processo de ensino e de aprendizagem

O ato de abuso sexual produz consequências diversas, que afeta todas as dimensões do ser, destacaremos o aspecto cognitivo e emocional intrinsecamente ligados à aprendizagem da criança. É possível afirmar que a vítima de abuso encontra dificuldades na escola, em todo o processo educacional.

A criança que sofre abuso sexual, “carrega consigo consequências, tanto orgânicas quanto psicológicas e dentre as mais comuns à criança apresenta quadros de dificuldades de aprendizagem na escola.”. (AZEVEDO; GUERRA, 1995, p. 13). Essa criança apresenta comportamento diferente das demais, silencia, se isola, chora escondido, entristece, perde o apetite, a timidez aumenta, sente medo e se exclui do convívio.

De acordo com Sanderson:

Uma criança que está sempre preocupada, com medo, terror, confusão ou que antecipa o próximo acesso sexual não vai conseguir prestar atenção no que se espera que aprenda na escola. Essas crianças se comportam como se estivessem em um mundo de sonho e parecem aéreas na classe, quase rudes em suas respostas. (SANDERSON, 2005, p. 220).

A atenção desfocada faz com que a criança não se sinta parte do ambiente, é como se estivesse em outro lugar, menos na escola. Essa consequência pode prejudicá-la até a fase adulta, comprometendo a vida acadêmica, afetiva e social.

Considerando que a aprendizagem é indispensável na vida do indivíduo, vamos entender as interferências que ocorrem nesse processo.

[...] a aprendizagem é um processo vincular que põe em jogo a articulação da inteligência e da afetividade do sujeito a partir das experiências sociais e escolares. Aprender é aprender com alguém, num contexto onde modelos e objetivos vão sendo incorporados, em torno das possibilidades e capacidades de crescimento e individuação, num ambiente social. (RAMOS, 2007, p. 213).

Se a aprendizagem parte das experiências familiares, sociais e escolares, podemos afirmar que, se a criança está em situação de abuso, não irá construir uma aprendizagem qualitativa na escola, nem na vida cotidiana.

Para Fernandez 1990 apud RAMOS (2007, p. 218), a dificuldade para aprender pode significar um sintoma (no sentido psicanalítico), uma mensagem que evoca conflitos não resolvidos manifestos nas condutas escolares. O sintoma afeta os níveis da inteligência e do desejo. Aprisiona o pensamento e a corporeidade, a imagem e a comunicação do sujeito com o outro.

Considerando que o ato do abuso sexual, é um conflito que muitas vezes demora anos para ser resolvido e que carrega consigo marcas para uma vida inteira, os seus sintomas são reflexos de uma situação que fica evidente no comportamento do indivíduo, assim a forma como esse educando se sente interfere na sua aprendizagem.

À medida que a criança cresce, seu autoconceito e o conhecimento que ela tem de si mesma vão se estabelecendo. A maneira pela qual ela se vê, o jeito pelo qual ela se sente, irão influir muito em tudo que ela faz e, basicamente, em sua capacidade de aprendizagem. Se ela não tiver fé em si mesma, se julgar-se inferior aos outros, não

terá motivação para aprender. Não conseguirá interessar-se por nada, achando de antemão que irá fracassar. Com medo do fracasso, a criança nem tenta um novo comportamento; ou então toma atitudes inadequadas, num esforço de mostrar aos outros que é alguém. (JOSE; COELHO, 2001, p. 15).

O nosso corpo, por meio das atitudes e expressões, se comunica o tempo todo, o sofrimento é uma emoção que se declara, se mostra e se evidencia, mas o outro precisa ver e procurar entender a comunicação do sujeito que apresenta uma demanda diferente dos demais educandos.

6 A importância do olhar, da escuta e do atendimento personalizado ao educando.

A escola é considerada o espaço principal de aprendizagem, que está carente de professores com uma postura diferenciada, no sentido de olhar, escutar e atender cada educando, partindo da sua necessidade. Mas para que isso aconteça, o professor precisa entender e praticar a escuta pedagógica e fazer uma análise de qual deve ser sua postura enquanto docente.

Ceccim esclarece a origem do termo escuta e o seu conceito:

O termo escuta provém da psicanálise e diferencia-se da audição. Enquanto a audição se refere à apreensão/compreensão de vozes e sons audíveis, a escuta se refere à apreensão/compreensão de expectativas e sentidos, ouvindo através das palavras, as lacunas do que é dito e os silêncios, ouvindo expressões e gestos, condutas e posturas. (CECCIM, 1997, p. 31).

Em compreensão ao conceito, é perceptiva uma diferença entre a audição e a escuta, que nos leva a fazer alguns questionamentos em relação à função do educador e do papel da escola, como: Existe uma formação para que aconteça realmente uma escuta em sala de aula? Educadores tem conhecimento desse termo? Qual a relevância de implantar estudos sobre o assunto no meio docente? Com base nos questionamentos, vamos esclarecer qual deve ser o perfil adotado pelo educador no ambiente escolar.

Quando reflito sobre a minha formação em pedagogia, percebo que apenas uma disciplina, a pedagogia hospitalar, explora os conteúdos da educação do olhar, da escuta e do atendimento personalizado. Ao colocar meu olhar na prática pedagógica da escola, verifico o quanto os docentes ainda precisam construir conhecimento sobre a temática.

Partindo do pressuposto de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 2015, p. 24).” Como favorecer a construção do conhecimento do educando sem o olhar diferenciado, sem a escuta pedagógica para entender este sujeito idiossincrático, parafraseando Rubem Alves, primeiro entendo para depois atender.

Apreende como os estudos sobre as Zonas de desenvolvimento de Vygotsky, que toda aprendizagem se inicia na Zona de desenvolvimento proximal, composta por todos os saberes já adquiridos, que capacita à realização das atividades.

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente. (VYGOTSKY, 1998, p. 113).

O olhar, o escutar e o atender estão subornados ao fazer. Para conjugar esses verbos é preciso construir outro paradigma de educação, de escola e de aprendizagem.

Como aprendi há poucos dias em sala de aula, é preciso à educação dos sentidos, para atender a criança vítima do abuso sexual. Penso no atendimento personalizado em consonância com os valores humanos, que ajuda as crianças a pensarem para sair da condição de vítimas, para melhorar o autoconceito e aprender a viver, apesar dos acontecimentos. Segundo Hoz (1999, p. 48), “a educação personalizada é uma concepção educativa enraizada na pessoa humana”. Que alimenta que cria significado favorecendo o florescimento da pessoa.

Elucida Morales;

Somos profissionais do ensino, nossa tarefa é de ajudar os educandos em seu aprendizado; buscando seu êxito e não seu fracasso, e a qualidade de nossa relação com os educandos pode ser determinante para conseguir nosso objetivo profissional. (1999, p. 13).

Recordo a minha experiência em casa e na sala de aula, no primeiro ambiente era abusada sexualmente e no segundo, era invisível, meus professores não olhavam, não escutavam e não mediavam a aprendizagem. Mas sou fruto de minha história, quanto mais a entendo, melhor construo meu presente. E no futuro terei um perfil humanizado para entender meus educandos nas situações que apresentarem, a cada dia estou mais consciente da minha missão de educar.

7 Relato de uma Experiência

Atualmente tenho 31 anos de idade, estou terminando o curso superior de Licenciatura em Pedagogia. Sonho com um mundo melhor, onde as pessoas amem mais o outro e o respeitem.

Nasci em uma cidade do interior de Goiás, em uma família cristã, estruturada, aparentemente perfeita. Morávamos na fazenda eu, meu pai, minha mãe e os meus dois irmãos mais velhos. Os meus pais ainda moram no mesmo local, um lugar lindo, cheio de natureza, animais, repleto de árvores frutíferas e muito espaço para correr, brincar e se divertir. Para uma criança, seria um sonho poder viver neste local e ter uma infância alegre e de boas recordações.

Os meus pais sempre nos ensinaram os valores cristãos inerentes à família, com princípios de honestidade, respeito e afeto. Nascemos em um berço com hábitos familiares saudáveis, minha mãe sempre nos ensinou a fazer nossas refeições sentados à mesa, todos juntos.

Infelizmente, as lembranças que irei relatar não são as que eu gostaria de carregar comigo, mas, é a realidade dos conflitos que vivenciei no espaço familiar. Fui vítima de abuso intrafamiliar praticado por meu irmão mais velho durante alguns anos, sem o conhecimento dos meus pais. Sayão (2006, p. 29) conceitua o termo intrafamiliar como: “se existe um laço familiar ou uma relação de responsabilidade entre abusador e abusado. A situação mais conhecida que se encaixa nesta categoria é o incesto.”.

Quero também esclarecer o abuso sexual considerado incesto, que o autor denomina como “assalto incestuoso”:

[...] qualquer contato sexual manual, oral ou genital, ou qualquer outro comportamento sexual explícito que um membro adulto da família impõe a uma criança, incapaz de modificar ou compreender tal comportamento, devido à sua impotência dentro da família e sua fase ainda inicial de desenvolvimento psicológico. Esse tipo de incesto não é consentido porque a criança ainda não desenvolveu a compreensão ou a sexualidade que lhe permitam uma reação livre e perfeitamente consciente ao comportamento do adulto. (BLUTTER, 1979, p. 15).

A citação esclarece que a criança ainda não compreende a atitude e o comportamento do adulto, o que evidencia o abuso. Segundo Rangel (2002), o adulto se aproveita da relação de poder que exerce sobre a criança para cometer o ato de abuso, submetendo a criança à circunstâncias traumáticas que precisa ter um fim.

Em confirmação às referências acima e a pesquisa realizada neste artigo, posso discorrer sobre o assunto com entendimento do que aconteceu, sem o sentimento de culpa que carreguei por muitos anos.

Tudo começou dentro da nossa casa, tínhamos uma casa grande (4 quartos), meus irmãos dormiam no mesmo quarto, eu tinha o meu, meus pais o deles e o outro era para visitas. Não me recordo a idade, só me lembro que ainda dormia no berço, tinha medo de dormir sozinha no meu quarto. Na inocência em busca de proteção, pedi para minha mãe que colocasse o meu berço no quarto dos meus irmãos, foi quando tudo começou.

O meu berço ficava centralizado no quarto e a cada dia era encostado em uma cama, foi assim que o meu irmão mais velho iniciou a situação de abuso. Todas às vezes que o meu berço era encostado na cama dele, eu recebia carícias, não tinha entendimento algum do que estava acontecendo. Hoje entendo e atribuo a ele, a responsabilidade das tristes lembranças e dificuldades que carrego comigo. Também me pergunto por que os meus pais não me protegeram? Eles conviviam no mesmo ambiente e como não perceberam? Esses questionamentos me fazem entender que a família, nem sempre, consegue cumprir com a função que deveria exercer.

Muito inocente, fui sendo induzida a ver revistas e vídeos de pornografia, comecei a ganhar doces, sendo seduzida e manipulada ao mesmo tempo. Isso acontecia porque muitas vezes os meus pais me deixavam em casa com o meu irmão quando precisavam sair. Eles acreditavam que eu estava sendo protegida, afinal ele era o meu irmão mais velho.

Passei a sofrer constantes abusos sexuais, tinha pavor de ficar em casa sem a presença dos meus pais e o pior de tudo o maior sentimento que tinha era o de culpa, sofri muito no silêncio, esse sentimento é o que inibe a criança em denunciar e cessar o sofrimento. Assim:

[...] é comum uma criança, vítima de abuso sexual, não denunciar de imediato a situação, sendo diversas as causas para este silêncio. Em primeiro exprime sentimentos contraditórios pelo sucedido, quer devido à idade e nível de desenvolvimento da criança, quer pela proximidade do abusado, quando é alguém em quem confia. Sente vergonha e medo de ser considerada culpada pelo que aconteceu, ou de pôr em dúvida o seu relato, em muitos casos, crianças permanecem em silêncio por os adultos em sua volta não acreditarem no que dizem. Pode estar recebendo ameaças feitas pelo abusador para que mantenha segredo. Fica indecisa acerca da denúncia quando o abusador é um familiar próximo, com receio de causar uma ruptura familiar. Sente uma dor emocional intensa que leva à “negação” do sucedido com o consequente silêncio e as dificuldades de aprendizagem e de relação com o outro. (SOARES, 2009, p. 01).

Fui crescendo com essa dor emocional intensa, muita vergonha, sentindo culpada e sem o conhecimento de que era uma situação que poderia ser denunciada. No silêncio da noite, quando todo mundo estava dormindo, eu chorava. Era uma dor tão grande, impossível de explicar, não podia dividir com ninguém. Chegou a um ponto em que tentei tirar a minha própria vida, de tanta angústia e revolta que sentia, não tinha motivos para querer viver. Mesmo assim, em meio a mudanças de comportamento, ninguém notava o sofrimento enfrentado.

O meu irmão do meio, não sei até onde ele sabe sobre o ocorrido, mas uma boa lembrança tenho dele, quando um dia foi convidado a participar do abuso e não aceitou. Agora sei que ele poderia ter ido, além disso, e ter me ajudado, mas não o culpo por isso. Sou muito grata a ele, uma pessoa inteligente e estudiosa. Foi por intermédio dele que comecei a ser alfabetizada em casa. Como morávamos na fazenda, a escola rural ficava situada há alguns quilômetros da nossa casa, os meus pais só me colocaram na escola aos 08 anos de idade, o caminho era feito a pé.

Não tenho como relatar o que aprendi na escola nessa fase inicial e nem como eram as aulas, a única lembrança é o nome da minha primeira professora Constância, hoje entendo porque não guardo lembranças, relaciono o fato de estar na escola com o silêncio gritando por socorro e mais uma vez não fui percebida, a aprendizagem não acontecia, não tinha sentido na minha vida. Tudo era dor, sofrimento e agonia. Já não acreditava que seria possível ser alegre como as outras crianças. Continuei a minha vida em condições que não eram favoráveis, isso durou até a minha pré-adolescência, os lugares em que aconteciam os abusos eram os mais diversos, inclusive tem alguns locais na fazenda do meu pai que ainda não me sinto bem em estar.

Alguns anos depois, fui estudar na escola da cidade mais próxima, tudo muito diferente, foi lá que encontrei as mais diversas dificuldades na aprendizagem, incluindo falta de atenção e no relacionamento com os colegas. Muito tímida, comecei a ser criticada e a única reação que tinha era o choro, recebi vários apelidos como “manteiga derretida”, tudo eu chorava. Com o meu choro, mais uma vez pedia socorro, mas ninguém percebia.

Na realidade, o que sempre busquei na escola foi o olhar e a escuta da professora para que me ajudasse a entender, superar as dificuldades e os conflitos traumáticos do abuso, que com o tempo foram guardados, mas ficaram as feridas abertas que me prejudica até os dias de atuais. Assim:

É de suma importância, portanto, que o professor conheça o processo da aprendizagem e esteja interessado nas crianças como seres humanos em desenvolvimento. Ele precisa saber o que os seus alunos são fora da escola e como são suas famílias. Quando um educador respeita a dignidade do aluno e trata-o com compreensão e ajuda construtiva, ele desenvolve na criança a capacidade de procurar dentro de si mesma as respostas para os seus problemas, tornando-a responsável e, conseqüentemente, agente do seu próprio processo de aprendizagem. (JOSE; COELHO, 2001, p. 13).

O tempo passou e aos 15 anos de idade conheci a pessoa com quem me casei aos 18 anos, alguém que veio para mudar a concepção que eu tinha do sexo masculino. O que mais me chamou a atenção nele foi uma frase que me disse sem saber do meu passado: “eu nunca vou

tocar em você, nem fazer nada sem a sua permissão.”. Nos casamos e me mudei para Goiânia, uma nova vida em outra cidade, onde eu tinha carinho, confiança e respeito.

Tive que amadurecer muito cedo e ao mesmo tempo, começar a enfrentar os meus medos, insegurança e baixa autoestima, que estavam associados a um grande desejo de superação.

O meu relacionamento com o meu irmão hoje é como se nada tivesse acontecido, não falamos sobre o assunto, não sei como considera o que aconteceu, nem se tem noção da gravidade que causou na minha vida. O que aprendi é que, como cristã devo perdoá-lo e amá-lo. No decorrer da vida dele, já apresentou alguns sintomas de transtornos, tentou suicídio algumas vezes e sofre com a dependência de bebida alcoólica. Já chegou a morar na minha casa por um tempo, quando se separou no seu primeiro casamento, contou com o meu apoio e do meu esposo, mesmo sabendo o que já tinha me causado. Nunca mais repetiu falta de respeito comigo, mas também não teve coragem de conversar comigo sobre o assunto e pedir perdão. Considero essa falta de pedido de perdão como uma lacuna que ficou aberta.

Afinal, como superei e cheguei até aqui? Atribuo a minha superação a Deus, a uma breve terapia que fiz, ao meu esposo e a uma grande colega de trabalho, Psicopedagoga e Neuropedagoga, que exerceu o papel de escuta no meu silêncio e nas minhas atitudes, identificou a vivência de abuso e me ajudou a superar a insegurança e mostrar minha capacidade.

Depois de algum tempo de convivência no trabalho, já tinha construído uma certa afetividade no nosso relacionamento, então um dia ela me perguntou: “você já sofreu abuso sexual?”. E argumentou o motivo da pergunta pelas minhas características. Ela me passou segurança e fui compartilhando a situação, assim foi trabalhando comigo e me ajudando. Essa atitude me fez compreender o que diz Ramos (2007, p. 214), que “Para aprender é importante um espaço de confiança que possibilite a criatividade, a curiosidade e a descoberta; uma relação entre receber e dar, sentir e agir.”.

Superei o medo de ter filhos, achava que eles poderiam sofrer também e eu não sabia se conseguiria protegê-los. A minha filha vai fazer 05 anos de idade, é uma menina linda que faz a minha vida mais feliz.

Meus pais nunca souberam por opção minha, eles não merecem sofrer por isso, quero preservar a integridade com que eles nos criaram. Já enfrentei muitas dificuldades e superei a cada dia com o apoio de algumas pessoas que sabem do acontecimento. Não utilizo a situação para me vitimizar, mas aprendi que devo,

[...] Utilizar a lembrança de uma ferida para fazer dela uma ação dinâmica situa esse trabalho psicológico bem além do enfrentamento do trauma e dos fatores de adaptação. O ferido toma novamente nas mãos o que lhe aconteceu para fazer disso um novo projeto de vida, às vezes até num contexto adverso. Essa revolução resiliente não evita a angústia ou o sofrimento diário infligido pela adversidade, mas utiliza a memória da ferida para organizar um novo modo de viver. (CYRULNINK, 2006, p. 34).

Fazer um curso superior era um sonho que eu considerava impossível. Hoje, posso dizer que construo a resiliência e que o motivo da escolha do tema é para que eu seja uma educadora diferente, não pretendo parar por aqui, sonho em fazer Psicologia como segunda formação e trabalhar com atendimento especializado às vítimas de abuso sexual. Ajudar o outro passou a ser uma forma de transformar a minha angústia em atenção integral ao próximo.

8 Considerações

O presente estudo possibilitou a compreensão da importância da escuta pedagógica sobre a vida do educando, como base principal no auxílio ao desenvolvimento da aprendizagem. A sociedade mostra diariamente, casos de abuso sexual na infância e na adolescência, os que acontecem durante a fase escolar, onde o indivíduo está em processo de construção do conhecimento, nota-se que esse fato provoca a dificuldade de aprendizagem do sujeito.

De modo geral, a formação do docente tem se aperfeiçoado no quesito do olhar, da escuta e do atendimento pedagógico, porém na prática ainda é percebido a necessidade da mudança de paradigmas para qualificar a educação. Essa, que ainda sofre com a superficialidade do educador, o qual não compreendeu as inúmeras possibilidades para mediar a aprendizagem.

É possível entender que para mediar a construção do conhecimento do educando, é necessário conhecê-lo, pois a falta de atenção e concentração, dificuldade na comunicação e nas relações sociais em conjunto com a baixa autoestima compromete todo o processo educacional. Cabe ao educador utilizar todos os meios pedagógicos que possibilitem a aquisição do aprendizado, principalmente, se o mesmo estiver vivenciando situações de abuso.

O professor que compreende a sua função no ato de educar, cuida da aprendizagem para garantir e auxiliar o educando a construir o seu próprio aprendizado. Quando o educador alcança o nível de consciência elevado a construção acontece em parceria, de forma significativa, onde realiza o verdadeiro objetivo da jornada educacional.

Em análise ao relato de experiência, fica evidente as consequências decorrentes do trauma de sofrer abuso sexual, com sequelas profundas e relevantes no desenvolvimento do ser. As experiências mostram que a realidade dos casos de abuso sexual diminuirá os índices se existir uma nova postura, com atitude e conhecimento de adultos que convivem e acompanham essas crianças.

Essa pesquisa apontou que os desafios envolvem ambas as partes. Os métodos pedagógicos de enfrentamentos irão influenciar no resultado da construção do sujeito em formação. Torna-se necessário educadores/professores com o perfil humanizado consciente de sua missão de educar em todas as circunstâncias.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane de Azevedo. **A violência doméstica na infância e na adolescência**. São Paulo: Robe Editorial, 1995.

BONDIA, Jorge Larroza. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência***. (2002) Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> > Acesso em: 04/11/2018.

BOCK, A. M. Bahia; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

BRASIL. **Governo do Brasil, Saúde, Abuso sexual é o segundo tipo de violência mais comum contra crianças, pesquisa**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2012/05/abuso-sexual-e-o-segundo-maior-tipo-de-violencia-contra-criancas-mostra-pesquisa>> Acesso em 24/09/2018.

BRASIL. **Lei Nº 9.970, de 17 de maio de 2000**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9970.htm> Acesso em: 24/09/18.

BRASIL. **Lei Nº 8.069, de 13 julho de 1990**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm> Acesso em 24/09/18.

BRASIL, Veja. **Quando o inimigo é da família**. 2009. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/quando-o-inimigo-e-da-familia/>> Acesso em: 24/09/18.

BUTLER, S. Apud RANGEL, Patricia Calmon. **Abuso sexual intrafamiliar recorrente**. 1ª ed., 2ª tir. /Curitiba: Juruá, 2002.

CECCIM, Ricardo Burg; CRISTOFOLI, Luciane; MODESTO, Rita de Cássia P. “Escuta pedagógica à criança hospitalizada”. In: CECCIM, Ricardo Burg. CARVALHO, Paulo R. Antonacci. **Criança hospitalizada: atenção integral como escuta à vida**. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1997, p. 76-84.

CECCIM, Ricardo Burg. “Criança hospitalizada: atenção integral como uma escuta à vida”. In: CECCIM, Ricardo Burg. CARVALHO, Paulo R. Antonacci. **Criança hospitalizada: atenção integral como escuta à vida**. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1997, p. 27-41.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CYRULNIK, Bores. **Falar de amor à beira do abismo**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire – 51ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOZ, V. Garcia. **A educação em transformação**. Ed. Moderna, Rio de Janeiro, 1999.

JOSE, Elisabete da Assunção; COELHO, Maria Teresa. **Problemas de Aprendizagem**. Editora Ática. São Paulo, 2001.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno**. 2 ed. Loyola, São Paulo, 1999.

RAMOS, Maria Beatriz Jacques. “As dificuldades de aprendizagem: leituras e desafios”. In: ROSA, Jorge La. **Psicologia e educação: o significado do aprender**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 213-227.

RANGEL, Patrícia Calmon. **Abuso sexual intrafamiliar recorrente**. 1ª ed., 2ª tir. /Curitiba: Juruá, 2002.

SANDERSON, Christiane. (2005). **Abuso Sexual em Crianças: Fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais**. (Tradução Frank de Oliveira). São Paulo: M. Books do Brasil Editora.

SAYÃO, Y. **Refazendo laços de proteção: ações de prevenção ao abuso e à exploração sexual comercial de crianças e adolescentes: manual de orientação para educadores**. São Paulo: CENPEC: CHILDHOOD – Instituto WCF-Brasil, 2006.

VOLNOVICH, J.R. **Abuso sexual na infância**. Rio de Janeiro: Lacerda, 2005, p. 13-31.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação social da mente**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

MARANHÃO, Juliana Hilário. **Narrativas de si em casos de abuso sexual contra adolescentes do sexo feminino**. 2014. 97 folhas. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Ceará. Disponível em:

<http://www.teses.ufc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=17814> Acesso em:
26/09/2018.